

# A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

N.º 49 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua de Francisco Aguiar, 4

Guimarães, 23 de Dezembro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAFE

## Ritmo

Devido a uma lamentável confusão, só foi distribuído na quinta-feira o último número do nosso jornal, quando o devia ter sido no sábado, 15 do corrente, pelo que pedimos desculpa aos nossos presados leitores.

## Natal!

Eis-nos chegados ao Natal! Alegria em alguns lares, tristeza noutros; risos, lágrimas sentidas em muitos olhos; nostalgias; saudades; dor e felicidade...

Na noite do Natal, o frio é mais cortante, a neve cai em maior abundância; gargalhadas de contentamento em casa dos felizes; pelas ruas, arrastam-se corpos transidos de frio—dai-me uma esmola.

Opulência, despreocupações, miséria, míngua de pão, fome...

Eis o que é a noite de Natal!

## Os pobres e a Festa da Família

Do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luís Candido Lopes, Dig.<sup>mo</sup> Administrador do Concelho, recebemos a quantia de 20\$00 Escudos para distribuirmos pelos nossos pobres, verba retirada da Beneficência Pública e que o Chefe do Districto concedeu para comemorar a Festa da Família.

Agradecemos reconhecidos a atenção de S. Ex.<sup>a</sup>.

## Quartel general em Abrantes...

Infeliz que é Guimarães! Viver a balões de oxigénio, viver de esperanças!

Tanto dinheiro e tanta miséria! Tantos novos-ricos e tão pouco amor à sua terra natal!

Faça-se? E o prometimento não passa de uma ficção.

Arranje-se? E o projecto dá entrada numa cesta de papeis velhos, onde o pó vai causando os seus estragos.

Ligue-se Guimarães a Braga por tração eléctrica? Ano 2000.

Edifício para a Estação dos Correios e Telégrafos? Há-de fazer-se o lançamento da primeira pedra.

Monumento a Gil Vicente? Aguarda-se que o Estado conceda o bronze.

Monumento aos Aviadores que cobriram Portugal de glória? Principiou-se mas nunca mais se acabara.

Um teatro decente? Sim, sim; havemos de pensar nisso.

Um hotel? Fulano, Cícero e Beltrano, homens de dinheiro...

Elevador para a Penha? Ide vê-lo a funcionar no Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo.

E em Guimarães continua tudo como dantes!!!

## O FAMOSO

O sr. Cunha Leal, o famoso financeiro que enquanto deputado da opposição tanto clamou contra o aumento da circulação fiduciária e, logo que se viu ministro, nos mimoseou com umas centenas de milhares de notas, que vieram pôr o câmbio no lindo ponto em que o vemos; o sr. Cunha Leal, que foi agora, na situação Ginestal Machado, o que já tinha sido após o outubrismo — um político desprovido de tacto — fez mais um discurso, que é como quem diz: mais uma vez estadeou o seu atrevimento e o seu pouco senso. Arengando a uma assembleia composta na maioria por dezembristas e monárquicos, o fogoso ex-ministro fez a apologia da ditadura, profetizando que as circunstâncias a imporão aos portugueses, como aos italianos e espanhóis. Nem mais nem menos. O sr. Cunha Leal que em política tem sido tudo menos ministro competente, é agora partidário acérrimo da ditadura.

Ele, o mais estrenuo defensor das liberdades públicas e o que mais tem protestado contra opressões e abusos do poder; ele, que enquanto na opposição berrava contra todas as tiranias e que quando ministro foi pedir ao Chefe do Estado a dissolução parlamentar, ele, o sr. Cunha Leal, grita hoje que só a ditadura nos pode salvar. Tem sua graça esta facilidade de expressão do talentoso reformador, mas não causa espanto algum a ninguém, antes dá a toda a gente a certeza da fragilidade das suas opiniões.

Tendo corrido toda a escala política, tendo navegado em todas as águas, sua excelência já não tem mais que correr, mais águas para navegar, a não ser a água turva da ditadura. Está certo.

De outro modo, o sr. Cunha Leal, que é hoje um político enterrado, não poderá voltar a dar-nos mostras das suas nefastas qualidades políticas. Agora só lhe serve a ditadura, mas nem todas.

O famoso financeiro, embora se desfaça em encomios a Mussolini e a Primo de Rivera, diz também que os sistemas seguidos por estes super-homens não é applicavel em Portugal, onde se não adaptariam ao meio.

Entre nós outros processos devem ser seguidos e esses, meus caros leitores, ninguém está à altura de os pôr em prática, a não ser...

Ora! Mas quem é que em Portugal tem talentos, virtudes, energia, etc., etc., para o exercício da ditadura? Quem? Se o não sabem, esperem um pouco, só o tempo de o famoso Cunha Leal fazer nova conferência. Ele o dirá.

## GAZETILHA

Meus caríssimos amigos  
E ilustres inimigos;  
A minha lira escita!  
Minha musa está em férias  
E, p'ra dizer duas lérias,  
A gazetilha, hoje, sae.

Não divulguem este segredo  
Que eu da musa tenho medo...  
Eu sou bom, a musa é má.  
Antes de a conhecer  
Eu era um anjo a valer...  
—Falo assim... por não estar cá.

Conhecia numa altura  
Em que dava à literatura  
Uma tarefa real!  
E eu, que sou todo tezuras,  
Desfiz-me logo em mezuras  
Por vêr a musa ideal!

Um dia em qu'eu disse: rache-se!  
Disse logo a musa: mate-se!  
E, desd'esse dia em diante  
Nas letras *Gazetilheiras*  
Lembro, em festas Nicoleiras,  
Um *denodado*... estudante!

Mas hoje que estou na altura  
De escrever sem a censura  
Da musa... tive a ideia  
De a todos dar BOAS-FESTAS  
E prometer: findas estas  
Cá estaremos p'r'á... tarefa.

Pirilau.

## Berta de Bivar-Alves da Cunha

Como anunciamos, estreou-se nesta cidade a companhia Berta Bivar-Alves da Cunha, que nos dias 11 e 12 passados deu duas réeitas no Teatro D. Afonso Henriques.

Levaram à scena as peças «As 2 causas» e «Kean», que sabiamolas premeditoras. E realmente, das peças nada ha que dizer, porquanto, leves, deixam transparecer moralidade.

Quanto ao desempenho salvaremos Alves da Cunha e Lusitana Saial. O resto, bom para emparejar com os do «Zé do Telhado» e os da «Rosa do Adro».

Certamente pensava Alves da Cunha que o povo de Guimarães não tinha o mínimo sentimento da velha arte de Talma e que podia apresentar autênticos *réiteiros*, sem nada conhecerem da arte de representar; uns *pobres selvagens* que, para acudirem ás suas necessidades, se fizeram actores; uns *matulotes farrapilhas* que Alves da Cunha agarrou a trôco de dez reis de mel coado, para que, á sua custa, pudesse auferir maiores lucros.

Mas, sr. Alves da Cunha, assim não poderá nunca brilhar nem sequer poderá ter críticas dignas do seu talento de artista.

## Será possível?

Que o *Ego* que escrevinha no «Ecos de Guimarães» seja o Bento Caldas?!...

—Que o «Comercio» só agora se interesse pela moral pública, em virtude de não ser administrador um... sr. Almeida?!...

—Que este nosso colega local passasse a ser o órgão da Câmara?!...

—Que certos cavalheiros não gostem da fiscalização exercida sobre... a retirada dos ovos?!...

—Que á custa d'este género tivessem enchido as algibeiras?!...

—Que Lordelo jámais será o armazem de tão... caro comestível?!...

—Que os monárquicos continuem a fazer rapapés ao sr. Cunha Leal?!...

—Que um jornal cá da terra alcunhasse de selvagens (embora mal informado) os estudantes, só porque lhe deram cabo de um tolde e para ser agradável a certo soba... reinadío?!...

—Que seja fictícia a entrevista com uma senhora, que nada podia distinguir na noite das poses?!...

## Salta d'água

Publicou ha tempos o nosso colega local «O Comercio de Guimarães» uma carta do Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Comissão Executiva da Câmara, com a qual Ex.<sup>a</sup> procurava justificar a falta d'água que havia para consumo público.

Não nos importa saber se o conteúdo da carta tinha ou não visos de verdade. O que desejamos, e isto impõe-se, é que se olhe mais a sério para os assuntos da administração pública e se faça o que as necessidades locais exijam.

Continua a haver falta d'água. Continua, sim senhores.

Tem o vereador do Pelouro das Aguas procurado abastecer convenientemente a cidade?

Não, senhores.

Então, perguntará o leitor admirado, isto deve continuar assim ao Deus dar?!...

Não, senhores.

E' preciso, sr. vereador das Aguas, que se tome um pouco chinho mais a sério o cargo que ocupa.

O senhor recorda-se dos últimos incêndios que se manifestaram na cidade?

Foram de dia, não é verdade?

Imagine o senhor agora que se davam de noite, e um deles em casa do vereador do pelouro das Aguas?

Gostaria que a água lhe falhasse para extinguir o incêndio.

Com certeza, mal diria a sua indolência, ou seja o mesmo que dizer, a sua *molêsa*.

## Republica e Mentira

O *Ego* do «Ecos» lá deita grossa asneira, que consideraremos uma parvoíce autêntica.

Sucessor do Bentinho—apesar do fraseado ser o mesmo — não procura o tão afado elixir «Solução Nacional», mas ambiciona que lhe deem corda (como se nós o tenhamos de aturar) para assim saltar com os seus insultos agorotados, muito próprios de quem escrevinha contra a Republica, e alcançar o nome de *vítima* no meio de Guimarães.

Pingos para... casamento rico.

—Num arrazoado longo, *Ego* procura meter os pés pelas mãos, mal-dizer o empréstimo e a Republica, atirando-se raivosamente aos republicanos, e, com a mesma facilidade com que *gerou* a chamada «Solução», sintetisa tudo numa única palavra — Mentira!

Pobre criança! Após longa ausencia e longo encarceramento de espirito, voltaste ao lar paterno qual *filho pródigo em Noite de Carnaval*!...

E's um parvo.

Assinaí a «A Razão»

**RIDENDO...**

O «Egus» muda de colaboradores como quem muda de capis, aparecendo-nos agora um «Ego» que pena é não ser feminino para bem aparelhar.

Pois esse snr. «Ego» com um desplante só próprio dum certo Mochinho, vem falar do ultimo empréstimo como um mestre de finanças.

Alto lá com o espantallo. E diz o pandego que se ludibriou o povo dizendo-se que o empréstimo fôra coberto uma porção de vezes.

Ora quem mente é o «Ego», o que não admira, porque é essa em geral a forma de os monarchicos argumentarem.

O que se dizia, mas antes da realização do empréstimo, era que havia probabilidade de ser o empréstimo coberto duas ou três vezes.

Depois de realizado o empréstimo o governo afirmou que dos titulos destinados ao Brazil havia alguns por cobrir. Logo o governo não mentiu, e a prova de que o empréstimo foi realmente mais que coberto, está de ter sido feito rateio pelos subscriptores de numerosos titulos. Ora assim é que está certo seu «Ego» duma cana.

O que você diz é que é mentira. O snr. «Ego» diz no final que a Republica vive da mentira e viverá da mentira.

O he; que nasceu da Mentira, está bem, porque a Monarquia que a obrigou a proclamar, não era mais que Mentira. Mas nem vive da Mentira nem dela viverá. Viverá, sim, na Verdade, para vos arrelhar.

\* \* \*

—Aos meus leitores recomendo aquela «Berção do lar» do das Visões. Aquilo é que é um mimo de perfume e literatura. *Mastiga terra e trinca cacos. Sentiu um suave rumor por baixo de si.*

Foi melhor que fôsse suave, pois se fizesse barulho seria muito mais indecente.

A' agarêna ia-lhe succedendo o mesmo, pois *nás suas entranhas travava-se uma luta desesperada e sentia uma custosa impaciencia, uma constante vontade de desabafar.*

Se o querem melhor, inventem-o.

\* \* \*

—O «Comércio» de vez em quando lá traz a sua debicadelasita. Desta vez, a propósito duns motivos diz que a Pátria não tem, indubitavelmente, o direito de viver.

E' com frases destas, semelhantes áquela, *antes Afonso XIII que Afonso Costa*, que os monarchicos teem firmado os seus créditos de patriotas.

Perdõe o sensível «Comércio», mas a frase está mesmo muito mal metida. Oh se está.

\* \* \*

—O «Gil Birrento» publica um artigo do snr. C. Oliveira,

que é mesmo d'arrasar. Muito estilo, bocadinhos de discurso muito lindo, a primeira parte e o final a servir á maravilha para um manifesto bolchevista, mas o raio do veneno do meio!...

Oh snr. Cesar, perdõe, mas parece-me que qualquer Revolução traz a Morte. O que traz também é o triunfo da Idêa, da Idêa que progride, que avança e não volta a ser a do regimen das fogueiras, do cacete e dos adeantamentos.

Dezembro de 1923.

LÊDECE.

**Vitória Sport Club**

**Corpos gerentes para 1924**

**ASSEMBLÊA GERAL**

Presidente

*Alberto Sousa Pinto*

Vice-Presidente

*Avelino Ferreira Meireles*

1.º Secretário

*Afonso Lewes de Macedo Dória*

2.º Secretário

*João de Freitas*

**DIRECÇÃO**

Presidente

*António Macedo Guimarães*

Vice-Presidente

*Emílio Pereira de Macedo*

1.º Secretário

*Luis Gonzaga Leite*

2.º Secretário

*Luis Filipe Gonçalves Coelho*

Tesoureiro

*Domingos André de Magalhães*

Vogais

*Heitor Godofredo R. de Almeida e Eduardo Pereira dos Santos.*

**CONSELHO FISCAL**

*Alfredo Alvaro Ferreira de Brito*

*Alberto Ribeiro Pinheiro*

*António Lage Jordão*

**CARTEIRA**

*No dia 14 passado fez anos o nosso querido amigo e fundador do nosso semanário, snr. Tenente Heitor Godofredo Ribeiro de Almeida. Os nossos parabens.*

*—Esteve nesta cidade, de visita a seu irmão Tenente Heitor Almeida, a Ex.ª Snr.ª D. Matilde Alice Ribeiro de Almeida.*

*—Encontra-se de luto pelo falecimento do seu avô, o nosso particular amigo e distinto médico, dr. Augusto Mendes da Cunha.*

*—Entrou em goso de licença o nosso presado amigo e fundador deste semanário, snr. alferes José Vieira Campos de Carvalho.*

**LÊDE E PROPAGAI**

«A Razão»

**E É ISTO...**

(Retardado)

Neste incomparavel país, de tudo se faz politica; um acontecimento grave, ou um mero incidente, são causas mais que suficientes e justificativas. Até um movimento revolucionário, com todas as características da desordem em que vivemos, com todas as indícios da falta de juizo que possuímos, com todas as sintomas da confusão e da insuficiencia de amor pátrio em que nos debatemos, até isso—oh suprema inconsciência!—serve para o ataque mutuo!...

De um e outro lado e em geral de todos os recantos parlí tários, sai esta afirmação, quasi categórica, quasi formal, que nos traz a hesitação, a confusão e a desconfiança;—São processos politicos. Mas então é assim que se faz politica? Nesse caso, a nulidade, o tracejador obscuro destas linhas, mais se convence de que não tem feitio para a prática do partidarisimo.

E' que, com a maior das sinceridades, eu não saberia usar tais processos. E' que, francamente, eu nunca saberia aproveitar-me de factos como os que acabam de produzir-se, para atacar ou defender. E, por consequência, eu nunca poderia ser politico de determinada cor, porque vi ia a ser um mau, em pessimo, um desastardo correligionário.

Em Portugal conquista-se o Poder á fôrça de bombas e balas, e á custa de vidas, as mais das vezes de innocentes que são o unico amparo de muitas outras vidas. Em Portugal só se atingem os altos pontos da governação publica, por meio de campanhas desleais, ataques injustificaveis e calunias repugnantes. Isto é, em Portugal não se vai vivendo, vai-se morrendo.

Em Inglaterra, onde a liberdade é lei e lei que ninguém ataca, o partido Trabalhista segundo as estaliscas, tinha na anterior legislatura 147 representantes. Mercê de sacrificios, dos mais extraordinarios recursos e de habilidades, por vezes revestidas de graça, os trabalhistas conseguiram eleger para o novo Parlamento 190 adeptos. Assim, lutando dentro da lei sem perda de vidas, sem perda de grandes somas, sem o estabelecimento do regimen terrorista, é que o partido Trabalhista inglês, dentro de todas as normas da legalidade, vai conquistando o Poder. Amanhã, portanto, com uma formidavel potencia representativa, ei-lo, dentro talvez da própria monarquia, cha-

mado a dirigir os destinos do povo britanico.

E' desta forma que lá fôrça se conquista o Poder e que este se deixa conquistar.

No nosso país vai sendo pela violencia, até que um dia, por nossa unica culpa, gemamos sob o peso de mãos ferreas que nos toham os movimentos, ainda que baixinho para que ninguém nos ouça, protestemos contra toda a ditadura, a quem nós mesmos preparamos o lugar em que ela então, sorridente e escarvinha, se há-de acomodar.

Xerxes.

**ANUNCIO**

**Arrematação**

(1.ª Publicação)

No dia 13 do próximo mês de Janeiro, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, e por virtude da deliberação do respectivo conselho de familia no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Jerónimo Gonçalves e mulher Emilia da Costa, moradores que foram no lugar do Monte, freguesia de Urgezes, desta comarca, e no qual é inventariante Nicolau Lopes, casado, jornalista, do lugar do Penêdo, freguesia de Polvo-

reira, desta mesma comarca, se tem de arrematar em hasta pública diversos móveis, roupas e objectos de ouro, que no acto da praça estarão patentes e serão entregues a quem mais oferecer acima do valor da avaliação, e bem assim a propriedade abaixo designada, a qual também será entregue a quem mais oferecer acima do valor porque é posta em praça, a saber:

Propriedade chamada do Monte, situada no logar do mesmo nome, freguesia de Urgezes, desta comarca, que se compõe de casas terreas e telhadas e terreno de horta. E' posta em praça pela quantia de escudos 1.200,00.

Declara-se que toda a contribuição de registo e despêsas da praça ficam a cargo dos arrematantes.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 15 de Dezembro de 1923.

Verifiquei

O Juiz de Direito

*Amadeu Gonçalves Guimarães.*

O escrivão do 4.º officio,

*Rodrigo Augusto da Graça Alves.*

**MUTUALIDADE GERAL DE SEGUROS**

SÉDE EM LISBOA

6--Rua do Largo do Corpo Santo-- 6, 3º

INSCREVENDO-SE

NA

**Mutualidade Geral de Seguros**

O patronato coloca-se a coberto de todas as responsabilidades da lei de desastres no trabalho, a troco dos menores encargos.

**LUCROS DIVIDIDOS POR TODOS OS SEGURADOS : QUE SERÃO AO MESMO TEMPO SÓCIOS DA EMPRESA**

Director-Delegado em Guimarães:

**Miguel Antonio Neves Janeiro.**

Ex.ª Snr.